

Collor, Afif, Covas e Freire têm o voto dos Sarney e do governo

João Bosco Rabello

BRASÍLIA — Desde de que Sarney reconheceu-se incapaz de influir na escolha de seu sucessor e liberou ministros e auxiliares, quatro candidatos são obrigados a conviver com apoios indesejados e no mínimo desgastantes: Afif Domingos (PL), Fernando Collor (PRN), Mário Covas (PSDB) e Roberto Freire (PCB). Afif e Collor lideram, sem dúvida, essas preferências, que também são dirigidas a Covas e Freire. Afif tem os votos da área econômica do governo; e Collor, a simpatia da família presidencial, que também pende para o candidato comunista. O presidente não revela seu voto (para alívio dos candidatos, segundo alguns assessores de campanha), mas já confidenciou a mais de um interlocutor que Afif o agrada.

Dentro do Palácio do Planalto, graças à atuação do subchefe para Assuntos Parlamentares do Gabinete Civil, Henrique Hargreaves, é mais notório o ingresso do governo na campanha sucessória. Cabo eleitoral confesso de Afif, Hargreaves trabalha com um mapa confidencial de nomes e votos que só mostra os íntimos. No mapa, diz-se, estão nomes de ministros da ala moderada do PMDB, como Carlos Sant'Anna (Educação), Jader Barbalho (Previdência) e Íris Rezende (Agricultura), além de pesos pesados como o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves.

Perfil ideal — É na área militar, por sinal, que Afif está forte. Além de Leônidas, ele é considerado o candidato ideal pelo ministro da Marinha, Henrique Saboya. Leônidas sofre o assédio do filho, Miguel Pires Gonçalves — funcionário da área administrativa da Rede Globo —, que lhe pede para apoiar Collor. Também o chefe do Gabinete Militar, Bayma Denys, prefere Afif, refletindo tendência já constatada no Conselho de Defesa Nacional. Pesquisa informal entre funcionários graduados do Conselho deu vitória a Afif, o que também já foi verificado no QG do Exército, no Setor Militar Urbano, em Brasília, conhecido por Forte Apache.

O chefe do SNI, general Ivan Mendes, reservado, não denuncia o voto, mas não é segredo sua admiração por Aureliano Chaves e apreço por Ulysses Guimarães. A este último, inclusive, credita parte do êxito da transição democrática. Há, no entanto, quem aposte na possibilidade de vir a dar um "voto útil" aos conservadores, aderindo à candidatura Afif. O ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, almirante Walber Lysieux, é partidário de Collor.

Já o ministro da Aeronáutica, Moreira Lima, teme apenas que, eleito, Collor premie o brigadeiro Paulo Roberto Camarinha, ex-ministro do Emfa, fazendo-o seu sucessor no ministério. Camarinha tornou-se inimigo de Moreira Lima desde o episódio que resultou na sua demissão do Emfa, após entrevista com críticas ao governo, por causa do salário dos militares.

Simpatias — Entre os ministros civis, é provável que a Carlos Sant'Anna (Educação), Jader Barbalho (Previdência) e Íris Rezende (Agricultura), já acertados com Afif Domingos, venha juntar-se o titular da pasta do Interior, João Alves. Por enquanto, por razões pessoais de fidelidade, ele diz que apoiará Aureliano Chaves. Já Roberto Cardoso Alves (Indústria e Comércio), também da ala moderada do PMDB, assegura que não volta ao PMDB por causa de Waldir Pires, e sente-se à vontade para decidir, pela ordem, entre Collor, Maluf, Afif e Aureliano.

Entre os ministros da área econômica, Mailson da Nóbrega (Fazenda), João Batista (Planejamento) e Dorothea Werneck (Trabalho) a decisão é de apoiar Mário Covas. Em "cima do muro", estão os ministros da Justiça, Saulo Ramos, e da Cultura, José Aparecido — que se mantém fiel a Jânio Quadros —, além de outro mineiro, Costa Couto, do Gabinete Civil. Os ministros dos Transportes, Reynaldo Tavares, e da Irrigação, Vicente Fialho, amigos íntimos do presidente, deverão acompanhá-lo no voto.

A surpreendente opção de integrantes da família de Sarney pelo candidato do PCB, Roberto Freire, tem origem no seu cunhado, Cláudio Macieira, um discreto assessor, de passado e militância na esquerda. Dona Marly Sarney, mulher do presidente, e Roseana, sua filha, já declararam voto, enquanto Sarney elogiou o candidato. Logo essa simpatia contagiou, por exemplo, o secretário particular de Sarney, Augusto Marzagão, um janista devotado.



Collor



Freire



Afif



Covas